Universidade de Brasília
Faculdade de Educação – FE
Programa de Pós-Graduação em Educação – Modalidade Profissional
Escola Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente – ENDICA / Escola Nacional de Socioeducação - ENS

Os fenômenos *bullying e cyberbullying* no contexto escolar

Isadora Kolhrausch da Silva

Brasília, 2022

Universidade de Brasília
Faculdade de Educação – FE
Programa de Pós-Graduação em Educação – Modalidade Profissional
Escola Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente – ENDICA / Escola Nacional de Socioeducação - ENS

Os fenômenos *bullying* e *cyberbullying* no contexto escolar

Isadora Kolhrausch da Silva

Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Garantia dos Direitos e Política de Cuidados à Criança e ao Adolescente.

Orientadora: Profª Drª Veronica Aparecida Pereira

Brasília, 2022

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SS586f

Silva, Isadora Kolhrausch da
Os fenômenos bullying e cyberbullying no contexto escolar / Isadora Kolhrausch da Silva; orientador Veronica Aparecida Pereira. -- Brasília, 2022.
36 p.

Monografia (Especialização - Especialização em Garantia dos Direitos e Política de Cuidados à Criança e ao Adolescente) -- Universidade de Brasília, 2022.

1. Bullying. 2. Cyberbullying. 3. Ambiente escolar. 4. Adolescentes. I. Pereira, Veronica Aparecida, orient. II. Título.

Isadora Kolhrausch da Silva

Os fenômenos *bullying* e *cyberbullying* no contexto escolar

Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Garantia dos Direitos e Política de Cuidados à Criança e ao Adolescente.

Orientadora: Profª Drª Veronica Aparecida Pereira

Aprovado em: 05/03/2022

Banca Examinadora

Prof.ª Drª Veronica Aparecida Pereira (orientadora)

Prof. Dr. Sergio Daniel Ruiz Díaz Arce (membro externo)

Resumo

Na presente pesquisa descrevemos as expressões dos fenômenos *bullying* e *cyberbullying* no contexto escolar. A metodologia utilizada foi exploratória, com tratamento qualitativo dos dados. Selecionamos uma escola municipal, do interior do estado do Rio Grande do Sul, com aproximadamente 300 alunos, dos quais, dez participaram do estudo. Utilizamos uma entrevista semiestruturada, conduzida individualmente. Os participantes tinham entre 13 e 14 anos e cursavam o 8º ou 9º ano. A aplicação individual foi importante para garantir tanto o sigilo como as condições de biossegurança, em função da pandemia de Covid-19. Os responsáveis pelos participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e os adolescentes um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido. Os dados foram tabulados e organizados em três tópicos: 1) o uso da internet e redes sociais – no qual identificamos que os adolescentes utilizam as telas por tempo superior ao indicado para a sua fase de desenvolvimento e sem monitoria dos pais; 2) caracterização das vítimas de *bullying* e/ou *cyberbullying* – identificando que 90% entrevistados já passaram por essa violência, experienciando sofrimento físico e emocional; e 3) a concepção e prática de *bullying* e/ou *cyberbullying* – identificamos que os adolescentes descrevem minimamente tais práticas, vivenciam como vítimas e reproduzem, principalmente por não serem orientados sobre possíveis formas de lidar com a violência. Julgam que os atos são impunes e requerem uma ação mais efetiva da escola, a qual precisa assumir o papel fundamental no combate a estas práticas.

Palavras-chave: *bullying; cyberbullying;* ambiente escolar; adolescentes.

Abstract

In the present research we describe how *bullying* and *cyberbullying* phenomena are expressed in the school environment. The methodology used was exploratory data analysis, with qualitative data treatment. We selected a municipal school, in the interior of Rio Grande do Sul, with approximately 300 students, of which ten participated in the study. We used a semi-structured interview model, done individually. Participants were between 13 and 14 years old and were in the 8th or 9th grade. The individual application was important to guarantee both confidentiality and biosecurity conditions due to the Covid-19 pandemic. Those responsible for the participants signed a Free and Informed Consent Term and the adolescents a Free and Informed Consent Term. The data were organized and mapped into three topics: 1) the use of the internet and social networks – we identify that adolescents' screen usage is longer than indicated for their stage of development and without parental monitoring; 2) characterization of victims of *bullying* and/or *cyberbullying* – identifying that 90% of those interviewed had already seen this type of violence, experiencing physical and emotional suffering; and 3) the conception and practice of *bullying* and/or *cyberbullying* – we identified that adolescents rarely describe such practices, go through as victims and reproduce it, mainly because they are not guided on possible ways to deal with them. They believe that the acts are unpunished and the demand for more effective action by the school, which needs to assume its fundamental role in the fight against these practices.

Keywords: *bullying; cyberbullying;* school environment; adolescents.

SUMÁRIO

Introdução **8**

Metodologia **13**

Levantamento, Análise e Resultado **17**

Conclusão **28**

Referências **30**

Apêndices **33**

Lista de ilustrações (tabelas, quadros e figuras) **36**

Introdução

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 (BRASIL, 1996), a escola traz como um dos seus objetivos principais a formação integral do educando. Nesse sentido, entende-se que esta deva prepará-lo para um convívio harmônico em sociedade.

Ao retratarmos sobre o ambiente escolar, entendemos que há uma junção das mais variadas vivências, sejam elas culturais, sociais ou econômicas. Apesar de toda conscientização em torno da importância do respeito e da tolerância, neste lócus ainda ocorrem inúmeras manifestações de *bullying*, um fenômeno oriundo da intolerância.

Conforme Shariff (2011), esta prática está cada vez mais comum, e calcula-se que cerca de 40% dos adolescentes mencionaram já terem sofrido *bullying* em algum momento da vida escolar. Nas definições do autor: "o *bullying* é definido como uma ação ou um comportamento agressivo e intencional praticado por um grupo ou indivíduo repetidamente contra uma vítima que não consegue se defender" (SHARIFF, 2011, p. 34).

Em estudos realizados diante a problemática da violência escolar, observa-se que o termo *bullying* é adotado por diversos países para conceituar comportamentos agressivos e antissociais. Nesse termo são reconhecidas atitudes invasivas e intencionais, praticadas repetidamente. São agressões sem motivos reais, que colocam uma ou mais pessoas contra outra, causando extremo sofrimento. (SANTOS; PINHEIRO, 2013, p. 2).

Segundo Santos (2012) esta violência pode acarretar dano moral, com prejuízos pessoais e materiais, visto que pode prejudicar os direitos de personalidade, como a honra, a dignidade, imagem e nome. Para Eckert (2010), o *bullying* está associado à vitimização entre as partes, podendo ser direto, por agressões físicas; verbais, uso de apelidos pejorativos, ameaças, acusações e degradação da imagem social; ou indireto, com o isolamento, indiferença, ou exclusão por racismo, discriminação e preconceito com a vítima (ECKERT, 2010).

Apesar de inúmeros pesquisadores não diferenciarem o tema *bullying* do racismo, pois introduzem em seus conceitos todas as formas de violência praticadas entre estudantes no ambiente escolar, o autor Antunes (2008) se refere ao *bullying* como um conceito incorporado recentemente nas ciências humanas, especialmente na psicologia e na educação escolar, e apesar de haver um alto valor descritivo, não faz referência às lógicas específicas de rejeição e de exclusão que estão por trás das práticas que ele descreve. Portanto, segundo o autor, o racismo possui uma longa trajetória nas ciências humanas, tratando-se de práticas de rejeição e de exclusão que afetam não apenas as relações face a face ou virtuais entre indivíduos, ou entre pequenos grupos, mas entre povos inteiros (ANTUNES, 2008).

Para Fante (2005) este tipo de violência está atribuído ao somatório de diversos crimes, como difamação, agressão física e/ou moral ou até danos à propriedade privada. Na descrição de Lima (2011, p. 62), além do *bullying* verbal, físico e moral, já apontados por outros autores, há os crimes sexuais, que vão desde a insinuação, assédio até o estupro.

Na Constituição Federal esse crime está previsto no art. 1º, incisos III, V e X (BRASIL, 1988) e os sofrimentos causados são: sofrimento, tristeza, vexame e humilhação para vítima ou pessoas a ela integradas. A Lei Federal nº 13.185/2015 (BRASIL, 2015) sancionada no dia 9 de novembro de 2015, instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*bullying*). Em seu art. 1º, inciso 1º, considera:

> [...] considera-se intimidação sistemática (*bullying*) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

Ainda, em seu parágrafo único do art. 2º a Lei ressaltou:

> [...] há intimidação sistemática na rede mundial de computadores (*cyberbullying*), quando se usarem os instrumentos que lhe são próprios para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial (BRASIL, 2015).

O *bullying* é um problema mundial, porém há também um tipo específico

e ainda não muito mencionado, o b*ullying virtual* ou mais conhecido como *cyberbullying.* Na atualidade, o uso de redes sociais se tornou algo habitual no cotidiano das pessoas. Essa prática trouxe consigo esse diferente tipo de violência, o *cyberbullying*. É caracterizado principalmente pela utilização de ferramentas tecnológicas como a internet, celulares e filmadoras, para prejudicar imagem da vítima, expondo momentos de sua vida pessoal, provocando vergonha, humilhação e isolamento.

Lima (2011, p. 62) indicou que no *cyberbullying* são observadas ações ou comportamentos negativos, através de redes virtuais, e do uso de outras tecnologias da informação e da comunicação. São exemplos dessa violência: mensagens instantâneas disparadas para espalhar intrigas e fofocas, fotografias adulteradas e publicadas como piadas, votações e enquetes pela internet a partir de características estereotipadas, com o intuito de humilhar e ferir alguém (FANTE; PEDRA, 2008).

Para Shariff (2011), as pessoas que cometem o *cyberbullying* (agressores) se utilizam de meios de comunicação, como Facebook, YouTube, MySpace, WhatsApp ou qualquer outro meio, são encorajados pela ideia de permanecerem anônimos. De acordo com a psicóloga e pedagoga Ana Maria Albuquerque existem alguns sinais emocionais que possibilitam identificar o agressor, como manipular as pessoas para se livrar das confusões em que se encontram, usar computadores até altas horas da noite, ficam tristes de forma exageradamente incomum quando não podem usar o computador, usam múltiplas contas de internet ou uma conta que não é sua, riem excessivamente quando usam o computador e não querem compartilhar o motivo do humor, evitam discutir sobre o que estão fazendo na internet, mostrando-se defensivos nessas horas, ficam nervosos ao usar a internet, apresentam comportamentos hostis e agressivos em relação aos pais e outros familiares, desrespeitam a hierarquia familiar, entre outros (ALBUQUERQUE, 2021).

Apesar da sensação de segurança que o agressor imagina estar, é importante compreender que há Leis de punição para este tipo de crime. Através do Código Penal, quando configurado crime contra a honra (calúnia, difamação e injúria do art. 138 do Código Penal Brasileiro), crime de injúria racial (ataques

racistas, no art. 140 do Código Penal Brasileiro) e exposição de imagens de conteúdo íntimo, erótico ou sexual (art. 218-C do Código Penal Brasileiro incluído pela Lei 13.718, de 2018). Para todos os casos, as punições estão previstas no Código Penal e chegam até quatro anos de reclusão. Caso o agressor seja menor de idade, seus responsáveis respondem pelos crimes diante tribunal e podem ser condenados pagando indenizações às vítimas e sua família (PORFÍRIO, 2022).

O *cyberbullying,* segundo Kowalski e Limber (2007), pode ocorrer a qualquer momento, tendo em vista o fácil acesso às mídias eletrônicas e a alta vulnerabilidade. Esses ataques podem ser poderosos e destrutivos, realizados sem a característica da repetição, pois a rapidez da propagação da mensagem pode atingir uma plateia de proporções imensuráveis, podendo uma única publicação ser devastadora (MALDONADO, 2009). Isso pode potencializar sentimentos de vergonha, pavor e também de humilhação, fazendo com que algumas pessoas se sintam sem saída e recorram a desfechos destrutivos em sua vida (SHARIFF, 2011).

Quando essa ocorrência envolve menores de 18 anos, em fase escolar, as vítimas e agressores são colegas de classe. Nesse caso, a abordagem deve ser científica e até mesmo jurídica, no sentido de resolver/esclarecer tais situações que envolvem esses estudantes (RIBEIRO, 2013). Essa ação será primordial para garantir ao ambiente escolar a efetividade da inclusão e convivência social, previstas na LDB (BRASIL, 1996).

Conforme Antunes (2010, p.39) alguns fatores podem ser considerados como causais, como os econômicos, culturais e sociais, além de aspectos inatos de temperamento e influência da família, amigos, escola e comunidade. O autor indica que muitas vezes os agressores reproduzem aquilo que sofrem em casa ou no contexto escolar, não havendo limites para o comportamento violento. Além disso, em geral, “não possuem uma convivência social pacífica, desenvolvimento moral e espiritual” (ANTUNES, 2010, p. 39).

Todo sofrimento mental causado pela exclusão social pode gerar a destruição da autoconfiança de qualquer criança/adolescente, conseguindo provocar efeitos para toda a vida. As vítimas do *cyberbullying* acabam passando

por problemas psicossomáticos, incluindo ansiedade, depressão e baixa autoestima, levando o aluno a deixar de frequentar a escola, pois “gera um ambiente escolar físico hostil onde os alunos se sentem mal acolhidos e inseguros” (SHARIFF, 2011, p. 63).

De acordo com Fante e Pedra (2008), os alunos que foram vítimas desse ato geralmente apresentam queda no rendimento do ensino, o que resulta em evasão escolar. Indicam também que o *cyberbullying* é responsável pela degradação da resistência imunológica e por sintomas psicossomáticos diversos, como náuseas, taquicardia, diarreia, dores de cabeça, principalmente nos horários a ida à escola, o que acaba resultando em dores generalizadas. Ainda podem aparecer doenças provocadas pelo estresse, como a gastrite, anorexia, bulimia e obesidade (FANTE; PEDRA, 2008).

Outro problema relacionado ao *cyberbullying,* que é a falta de denúncia, na qual acaba estimulando as ações dos agressores. Jovens que realizam essa prática não acreditam na consequência de seus atos. No caso de serem descobertos, pensam que permaneceram impunes, acreditando erroneamente que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990) os resguardará (FANTE; PEDRA, 2008). Por isso, é fundamental que as legislações sobre o direito de proteção à imagem, garantia de cidadania e convivência fraterna entre os pares seja veiculada, principalmente no contexto escolar.

Entende-se que por mais que os pais e educadores estejam atentos aos problemas advindos do *bullying* escolar, estes nem sempre conseguem reconhecer quando as crianças e/ou adolescentes estão vivenciando essa violência, seja como vítima ou como agressor. E assim, muitos acabam subestimando a ocorrência do *cyberbullying*, que dependendo da situação pode ser tão ou até mais devastadora que o próprio *bullying*. Devido a este fenômeno envolver a disseminação de informações e exposição da vida pessoal da vítima através de meios eletrônicos, isto gera maior dificuldade em remover estes conteúdos, ainda que a criança ou adolescente mude para outra escola ou até mesmo cidade, ela ainda poderá ser alvo desta violência, pois todas as informações permanecem por um certo tempo no ambiente virtual (MAIDEL, 2009).

Fundamentado na ideia de que todas as tecnologias são criadas para colaborar com a nossa vida e contribuir na educação, as ferramentas tecnológicas, por outro lado podem se tornar um recurso cibernético negativo nas mãos daqueles que se acham no direito de utilizá-las para agredir o outro. Assim ações pedagógicas precisam ser utilizadas para prevenção deste comportamento destrutivo no contexto escolar e em outros ambientes. Neste contexto, buscou-se nesse estudo descrever a percepção de adolescentes sobre *bullying* e *cyberbullying*, identificar possíveis ocorrências no contexto escolar e indicar estratégias de prevenção.

Metodologia

No intuito de contemplar os objetivos propostos utilizou-se de uma pesquisa qualitativa. Conforme os autores Minayo, Deslandes e Gomes (2011), “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, sendo, um conjunto de fenômenos humanos que são entendidos como parte da realidade social” (MINAYO; DESLANDES; GOMES, p. 22).

Na metodologia qualitativa segundo Lakatos e Marconi se pressupõe uma interpretação e análise de aspectos dos quais são mais profundos na complexidade do comportamento humano, “[...] fornece análise mais detalhada sobre investigações, hábitos, atitudes e tendências de comportamentos.” (LAKATOS; MARCONI, 2005, p. 269).

Já no contexto educacional essa abordagem qualitativa se torna mais conveniente, pois conforme Silva (2001) há uma relação dinâmica entre o mundo real e do sujeito, ou seja, há um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. Essa interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas para o processo de pesquisa qualitativa. E isto não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural já é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (SILVA, 2001, p.20).

Para dar início a pesquisa se buscou por uma escola municipal situada no interior do estado do Rio Grande do Sul. O município que possui cerca de 22 mil habitantes, fica a uma distância de 115 km da capital do estado Porto Alegre.

O lócus dessa pesquisa é uma escola pública, situada em um bairro de classe média da cidade. Segundo informações dos funcionários a procura por matrículas é sempre além da capacidade por se tratar de uma escola de referência que possui altos índices de qualidade educacional, além de apostilas e uniformes distribuídos gratuitamente pelo munícipio. Esta escola possui 300 alunos matriculados, dos quais estão divididos entre os turnos da manhã e da tarde. Seu espaço físico é correspondente a 2.145m², divididos entre salas de aula, biblioteca, laboratório de informática, direção, sala de convivência de professores, quadra de esportes, refeitório, banheiros para alunos e funcionários.

A escolha por esta escola em particular ocorreu devido a pesquisadora conhecer alguns professores e a diretora da escola. Assim se fez o contato necessário, apresentou-se a pesquisa e a ideia de identificar a presença ou não do fenômeno *bullying e cyberbullying* no contexto escolar, bem como o interesse de realiza-la no local.

No decorrer da conversa alguns detalhes foram combinados, como o sigilo por parte da pesquisadora em relação a identidade dos alunos que viessem a participar e quaisquer integrante da equipe diretiva envolvido na pesquisa. Além disso, por se tratar de um estudo com a participação de adolescentes entre 13 e 14 anos, foi encaminhado aos pais/responsáveis um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, além de viabilizar também um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para os adolescentes.

Posteriormente as combinações realizadas com a direção da escola, foram apresentados os professores das turmas do 8º e 9º anos dos quais também tiveram conhecimento de todo o processo da pesquisa. Houve concordância em relação aos alunos e aulas específicas com tempo destinado à coleta de dados.

Participaram do estudo 10 estudantes do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental (60% no 9º ano), com idades entre 13 e 14 anos (70% com 14 anos), a maioria de cor branca* (60%) e de família nuclear (80%), conforme observado na Tabela 1.

Tabela 1. Caracterização da amostra

		n	%
Idade	13,0	3	30,0
	14,0	7	70,0
Gênero	Masculino	6	60,0
	Feminino	4	40,0
Série	8,0	4	40,0
	9,0	6	60,0
Cor/raça[1]	Branco	6	60,0
	Preto	3	30,0
	Pardo	1	10,0
Constituição familiar	Família nuclear	8	80,0
	Com avós	2	20,0

Durante um período de uma semana a pesquisadora participou das aulas e dos intervalos apenas como observadora. Após este período a pesquisadora procurou conversar com os alunos dessas turmas, particularmente e em momentos distintos, explicando sobre a pesquisa, convidando para participar e de que forma isso seria conduzido, garantindo a eles que poderiam desistir a qualquer momento sem quaisquer prejuízos.

Para o desenvolvimento da pesquisa se utilizou como instrumento a entrevista individualizada semiestruturada. De maneira mais abrangente os

[1] * Na atual classificação do IBGE (2016) a respeito do quesito "cor ou raça", encontram-se as seguintes categorias: brancos, pardos, pretos, amarelos e indígenas. O IBGE verifica a composição brasileira através de um censo realizado a cada 10 anos. A composição por cor ou raça é verificada pela autodeclaração.

autores Minayo, Deslandes e Gomes (2011, p. 64) declaram que este tipo de entrevista se dá através da combinação de perguntas fechadas e abertas, sendo responsabilidade do entrevistador discorrer sobre o tema sem a necessidade de estar sujeito às indagações formuladas. São fornecidas informações construídas a partir do diálogo estabelecido e tratam da reflexão do próprio entrevistado sobre a realidade que vivencia (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2011, p. 65).

Para aqueles que aceitaram participar foi encaminhado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos pais/responsáveis, e em posse dos termos assinados foram realizadas as entrevistas, partindo como base um esquema de perguntas fundamentado na Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (2009), registradas pela pesquisadora através de gravações de áudio e posteriormente redigidas em documento.

O ambiente de realização das entrevistas foi a própria sala de aula do entrevistado, enquanto os outros colegas estavam com o professor na sala de informática. Devido a pandemia de Covid-19 a escola estabeleceu os protocolos básicos de acordo com as autoridades locais de saúde, da qual também seguimos durante a entrevista. Das medidas recomendadas, mantivemos 1,5 metro de distância entre a pesquisadora e o sujeito, as janelas abertas para ventilação da sala, o uso de álcool gel e máscara.

Para os questionamentos iniciais da entrevista buscamos as informações sobre os dados sociodemográficos do sujeito, como a idade, cor/raça, série escolar e com quem moram. Outras perguntas foram direcionadas às tecnologias, como: se possuíam celular próprio e/ou computador com acesso à internet, se este acesso é livre ou se os pais monitoram esse uso, qual o tempo que costumam usar neste acesso, qual o meio de comunicação mais utilizado entres os colegas e amigos, se usa rede social e qual a sua favorita, se as postagens são frequentes e são relacionadas a que assuntos, qual a frequência de postagens de fotos pessoais e de família e quais os sites e atividades mais acessados.

Após foram questionados se já sofreram algum tipo de agressão, assédio ou intimidação, onde isso ocorreu, qual foi a última vez, como se sentiu diante a situação, o que isso causou e como acha que poderia ser resolvido. Para finalizar

as perguntas foram direcionadas a questão principal, se conhecem o *bullying* e também o *cyberbullying*. Se já haviam praticado ou praticam algum dos dois e relatar essa situação, como se sentiu com essa atitude; o que acha que pode ter gerado para a pessoa que foi alvo dessa ação e quais as consequências dessa ação; houve alguma mudança depois das consequências estabelecidas. Com que frequência isto ocorre dentro da escola e como lidam quando acontece sendo com você ou com um colega, se existe alguma providência tomada pela escola e o que você pensa que a escola poderia fazer para minimizar a prática desses fenômenos.

Para Bogdan e Biklen (1994, p. 205) a análise dos dados é descrita como método de busca e organização de materiais que foram coletados e acumulados cuja finalidade é ampliar a compreensão relacionada a tais materiais, consentindo com a apresentação pública daquilo que foi encontrado e percebido. Como etapas desta análise, definimos o trabalho com os dados, sua organização, divisão em unidades manipuláveis, descoberta de aspectos importantes e, finalmente, a escolha daquilo que será repassado aos demais (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 205).

Para os autores Minayo, Deslandes e Gomes. (2011, p. 79) outro aspecto relevante em uma análise e interpretação de dados em uma pesquisa qualitativa a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema o qual se pretende investigar. Baseado em um estudo de Bogdan e Biklen (1994, p. 221) para análise de dados desta pesquisa, utilizou-se da técnica de codificação da qual a pesquisadora fez inúmeras vezes as leituras dos dados obtidos para compreende-los em sua totalidade afim de estruturá-los da melhor maneira e seguir em busca do foco principal que é conseguir identificar se há a presença ou não do fenômeno *bullying e cyberbullying* no contexto escolar. A partir deste resultado de leituras e releituras para coleta de dados, os elementos principais foram extraídos das entrevistas para que os objetivos essenciais da pesquisa pudessem ser atingidos.

Levantamento, Análise e Resultado

Os dados da entrevista foram tabulados e encontram-se organizados em três tópicos: 1) Uso da internet e redes sociais; 2) Caracterização de vítimas de

bullying e/ou *cyberbullying*; 3) Concepção e prática de *bullying* e/ou *cyberbullying*.

Nessa seção serão apresentados os dados descritivos e quantitativos da análise dos dados.

1. Uso da Internet e redes sociais

Conforme verificamos na Tabela 2, todos os entrevistados fazem uso da internet, no entanto, apenas um deles recebe a monitoria dos pais. Quanto ao uso diário, observou-se que a maioria utiliza até 5 horas (70%). A rede social favorita é o Instagram (70%) e o WhatsApp é meio de comunicação mais recorrido (80%). Quanto às postagens diárias, a maioria indicou que realiza três publicações (70%), relacionadas principalmente a jogos/vídeo game (40%). Já as publicações de fotos pessoais ou de família, foi mais recorrente em eventos especiais (50%). Entre os sites mais acessados estão os jogos e redes sociais (40% cada).

Tabela 2 – Uso da internet e redes sociais

		n	%
Acesso à internet	Sim	10	100,0
Monitoria dos pais	Não	9	90,0
	Sim	1	10,0
Horas diárias de uso da internet	Até uma hora	1	10,0
	Até 5 horas	7	70,0
	Mais de 5 horas	2	20,0
Meio para comunicação com os pares	WhatsApp	8	80,0
	Instagram	2	20,0
Rede social favorita	Instagram	7	70,0
	Facebook	3	30,0
Número de postagens por dia	Máximo 1	1	10,0
	Até 3	7	70,0
	Até 5	2	20,0
Temas das postagens	Esporte	2	20,0
	Jogos, vídeo game	4	40,0
	Frases diversas	2	20,0
	Moda	1	10,0
	Animais	1	10,0
Frequência das postagens de fotos pessoais ou de família	Todos os dias	1	10,0
	Uma vez por semana	1	10,0
	Uma vez por mês	3	30,0
	Apenas em eventos especiais	5	50,0
Sites mais acessados	Jogos	4	40,0
	Redes sociais	4	40,0
	Youtube	2	20,0

2. Caracterização de vítimas de *bullying* e/ou *cyberbullying*.

Nesse tópico buscamos conhecer o quanto os participantes já vivenciaram situações de *bullying* e *cyberbullying*. Conforme observa-se na Tabela 3, apenas um estudante respondeu que nunca sofreu esse tipo de violência. Entre as situações reconhecidas pelos participantes a mais frequente foi a violências física e psicológica (40% cada) e um caso de assédio foi

mencionado (10%). Quanto ao local de ocorrência, indicaram que o mais frequente é em casa e/ou na escola (60%) e são recentes, visto que a maior parte ocorreu há uma semana (40%). Quanto aos sentimentos gerados por essas violências o mais indicado foram raiva, ódio e desejo de vingança (60%). Sobre as consequências das agressões, citaram o isolamento (60%). No quesito relacionado as estratégias para resolução do problema, indicaram principalmente o castigo/punição (50%).

Tabela 3 – Caracterização de vítimas de bullying e/ou cyberbullying

		n	%
Já sofreu alguma agressão?	Não	1	10,0
	Sim	9	90,0
Tipo de agressão	Física	4	40,0
	Psicológica	4	40,0
	Assédio	1	10,0
	Não sofre	1	10,0
Local da agressão	Casa e escola	6	60,0
	Casa	3	30,0
	Não sofre	1	10,0
Data da última agressão	Hoje	2	20,0
	Há uma semana	4	40,0
	Mês passado	2	20,0
	Há mais de um ano	1	10,0
	Não sofre	1	10,0
Sentimentos provocados pela agressão	Raiva, ódio, desejo de vingança	6	60,0
	Medo, insegurança	3	30,0
	Não sofre	1	10,0
Consequências da agressão	Isolamento	6	60,0
	Precisar de terapia	1	10,0
	Depressão, ansiedade	2	20,0
	Não sofre	1	10,0
Estratégias indicadas para resolução	Castigo, punição	5	50,0
	Denúncia	1	10,0
	Diálogo	3	30,0
	Não sofre	1	10,0

3. Concepção e prática de *bullying* e ou *cyberbullying*.

Em relação ao conceito de *bullying*, conforme observamos na Tabela 4, foram citadas duas opções: agressão física e ou/verbal (80%) e ações

discriminatórias (20%). Quando perguntados se já realizaram essa prática, a maioria respondeu que sim (60%), indicando a agressão física e/ou verbal como mais frequente (50%). No caso do *cyberbullying* a resposta foi unânime para seu significado, sendo o uso da tecnologia para disseminar informação e atingir ao outro, e quase todos já o praticaram (90%). Quanto aos sentimentos vivenciados após a prática do *bullying* e *cyberbullying*, a sensação de “poder” foi a mais citada entre ambos (50%). Em relação a percepção do que foi gerado no outro a partir dessa ação, foram citados raiva/ódio; vergonha e tristeza (30% cada). Sobre as consequências destas ações, a maioria respondeu que não houve (70%), e as mudanças estabelecidas após as consequências não aconteceram, segundo 50% dos participantes. No ambiente escolar, todos responderam que essas práticas diariamente. Das ações estabelecidas pela escola, o diálogo foi o mais citado (80%). Questionados sobre o que a escola poderia realizar para combater estes fenômenos, as respostas se dividiram entre conversar e trabalhar mais sobre o assunto (50%) e palestras com pais e alunos (50%).

Tabela 4 – Concepção e prática de *bullying* e *cyberbullying*

		n	%
Concepção de bullying	Agressão física e/ou verbal	8	80,0
	Ações discriminatórias	2	20,0
Concepção de cyberbullying	Usar da tecnologia para disseminar informação e atingir alguém	10	100,0
Já praticou bullying	Não	4	40,0
	Sim	6	60,0
Em caso afirmativo, descrever	Agressão física e ou verbal	5	50,0
	Ações discriminatórias	1	10,0
	Não praticou	4	40,0
Já praticou cyberbullying	Não	1	10,0
	Sim	9	90,0
Sentimentos após a prática de bullying	Poder	5	50,0
	Vingança	1	10,0
	Não praticou	4	40,0
Sentimentos após a prática do cyberbullying	Poder	5	50,0
	Respeito	1	10,0
	Vingança	3	30,0
	Não praticou	1	10,0
O que faz de uma pessoa alvo da agressão?	Raiva/ódio	3	30,0
	Vergonha	3	30,0
Consequências após as ações	Castigo	2	20,0
	Nenhuma	7	70,0
	Não praticou	1	10,0
Mudanças após as consequências	Não	5	50,0
	Sim	4	40,0
	Não praticou	1	10,0
Frequência de ocorrência na escola	Diariamente	10	100,0
Ações da escola	Diálogo	8	80,0
	Castigo e/ou afastamento	2	20,0
Indicações para a escola	Falar e trabalhar mais sobre o assunto	5	50,0
	Palestras para pais e alunos	5	50,0

Buscamos nesse estudo caracterizar a ocorrência de *bullying* e *cyberbullying* entre adolescentes. Entre os participantes, destaca-se o fato de encontrarem-se no início da adolescência (entre 13 e 14 anos). Esse período é crucial para o estabelecimento do autoconceito e autoimagem, sendo relevantes

para o adolescente as percepções do outro sobre si (MARTORELL, PAPALIA, FELDMAN,2020). O reconhecimento e valorização de si mesmo, amparados na percepção do outro pode fazer com que os adolescentes estejam mais vulneráveis às manifestações dos pares, podendo ser vítimas de avaliações negativas ou preconceituosas.

Os adolescentes que participaram desse estudo indicaram o uso da internet com alta frequência. Em um contexto de pandemia, no qual as interações tiveram sua expressão ainda mais forte, considera-se que as redes sociais têm uma importante função na vida desses estudantes. Porém, é preocupante o fato da maioria dos adolescentes desse estudo utilizarem a internet por mais de cinco horas diárias. A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2016) orienta os limites de tempo de exposição, conforme cada faixa etária**,** indicando para adolescentes entre 11 e 18 anos o limite 2 a 3 horas/dia. Outro dado importante refere-se a falta de monitoramento dos pais dos participantes desse estudo em relação ao uso da internet. A SBP alerta sobre o risco de isolamento durante o uso do computador, tablet, celular, smartphones ou webcam, sendo necessário estimular o uso em locais comuns da casa. Isso implica diretamente na questão de monitoramento, pois estando próximos à outras pessoas da família, torna-se possível monitorar os conteúdos, evitando o acesso aos conteúdos inadequados, uso excessivo e prolongado. Essa prática é importante para prevenção de transtornos físicos, mentais e comportamentais associados ao uso problemático e à dependência digital (SBP, 2016).

Sobre o tipo de postagens dos estudantes, observou-se que o conteúdo esteve relacionado às postagens nas redes sociais. De fato, não é indicado a divulgação diária de fotos e fatos que exponham detalhes do seu dia a dia ou de sua família, pois elas são fontes de informações e exposição, que podem ser usadas para uma série de situações perigosas. Embora os participantes tenham indicado um número excessivo de horas de utilização da internet, o uso das redes sociais foi direcionado às atividades de jogos e entretenimento, não sendo excessiva a exposição de fotos e dados pessoais. Com a restrição de atividades de entretenimento durante a período de pandemia é realmente difícil para as famílias a observação do limite diário de utilização das telas. A organização de atividades de estudo e interação social precisa ser orientada, de modo a integrar

de forma prazerosa a rotina dos adolescentes. Projetos em parceria escola-família podem ser desenvolvidos nessa área, apresentando respostas às demandas dos adolescentes e suas famílias.

A adolescência é considerada uma fase de transição, marcada por transformações biológicas, fisiológicas e desenvolvimento biopsicossocial. O adolescente, no que lhe concerne, parte em busca de sua identidade e liberdade de expressão, por vezes negada ou não considerada pela sociedade. Logo, organizam-se em grupos ou geram suas expressões de criatividade diferenciadamente do mundo adulto. As redes sociais, nesse contexto, representam um meio de expressão das mudanças vivenciadas por esses sujeitos, passando a regular suas emoções de acordo com as respostas apresentadas por seu grupo.

Em tempos de pandemia e isolamento social, a internet possibilitou o contato e as interações entre familiares e amigos. De acordo com a pesquisadora e professora do Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz, 2020) Suely Deslandes, ao mesmo tempo que esse acesso à internet possibilite que muitos continuem a ter aulas, a manter atividades de trabalho, a participar de atividades culturais e artísticas, acessar suas redes de apoio, além de manter uma certa rotina e parâmetros de "normalidade" nesse momento de suspensão das atividades presenciais, o uso intensivo da internet pode gerar uma adição, um uso compulsivo, definindo uma dependência em relação a qualquer outra ação cotidiana. E se tratando de adolescentes, este uso intensivo pode aumentar também as chances de sofrer e praticar violências no ambiente digital.

Para Menandro (2004) aborda a adolescência a partir de algumas características, como a ambiguidade, a transitoriedade, a crise potencial e ruptura, a adaptabilidade e potencialidade de mudança e as ideias genéricas de juventude como condição compartilhada. Portanto, é neste período de transição que os adolescentes esperam para fazer algo dito importante, e tendem a querer de alguma maneira conquistar respeito e atenção, seja por parte dos adultos ou entre eles mesmos.

De acordo com Shariff (2011) há algumas características para os agressores deste tipo de violência, como a alta popularidade em meio à comunidade escolar, sendo percebidos como líderes da sala e tutores de seus pares. Estes procuram momentos para chamar atenção e querem se encarregar de papéis de destaque dentre os colegas no intuito de obterem prestígio e poder, utilizando o *bullying e o cyberbullying* como meio para alcançar este objetivo.

Nessa busca por atenção, no presente estudo, 90% dos adolescentes indicaram ter sofrido, recentemente, situações de *bullying* ou *cyberbullying*, com históricos de violência física, psicológica e assédio sexual. Consequentemente, relataram sentimentos negativos, como raiva, vergonha, medo e insegurança, levando-os ao isolamento e depressão. Shariff (2011) alertou sobre a necessidade de atenção a esses quadros, uma vez que desfechos mais graves podem indicar risco de suicídio, pelo fato de o adolescente encontrar-se sozinho e sem o devido preparo para lidar com a situação.

Dado o fato de que uma das violências citadas foi o assédio, destaca-se conforme o site da APAV (Apoio à Vítima) para o art. 171º a 176º-B do Código Penal, referente aos crimes contra a autodeterminação sexual que penalizam atividades sexuais com menores até 18 anos, cuja existência está diretamente ligada à necessidade de proteger o livre desenvolvimento da personalidade da criança ou jovem no domínio sexual

Os participantes do estudo indicaram ter uma noção sobre *bullying* e *cyberbullying*, mas ainda confundem com discriminação. Ações educativas que esclareçam esse conceito, poderão contribuir também para reconhecer outras atitudes inaceitáveis como racismo, homofobia, e toda atitude de discriminação entre as pessoas, a fim de evita-las e promover na escola o espaço e inclusão social que precisa ser.

Há também um ciclo que se repete, ou seja, dois terços dos adolescentes que sofreram *bullying* também o praticaram e em relação ao *cyberbullying* o percentual foi de 100%. Ou seja, sem ações efetivas da escola ou da família, o adolescente age por vingança, gerando um ciclo que tende a perpetuar a violência. Como indicado por Fante e Pedra (2008), permanece também a sensação de impunidade frente aos atos.

Além disso, conforme o art. 5º do ECA, nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

Os dados corroboram as indicações de Fante (2005), que indicou que é no ambiente escolar onde mais acontece esses tipos de violências. Isso ocorre pela grande interação e construção de relações em ambiente diferente do familiar. Nesse estudo, as agressões no contexto escolar ocorrem com grande frequência. Para Shariff (2011, p. 52) “as testemunhas em situação de violência muitas vezes não têm coragem de denunciar os agressores por não se sentirem seguros em relação ao apoio e proteção que deveriam receber dos gestores e demais membros da comunidade escolar [...]”. Diante dessas violências, é de extrema importância que toda a comunidade esteja ciente deste fenômeno para que sejam implementadas medidas de combate e prevenção (ECKERT, 2010).

A conscientização e divulgação de informação são primordiais para um efetivo combate, visto que a maioria dos adolescentes acredita que não há consequência após as ações cometidas. Seja qual for a atuação por parte de cada adolescente, vítima ou agressor, é constatado que não há intervenções efetivas contra estas questões, e o ambiente escolar torna-se um local contaminado negativamente. Assim, todos passam a experimentar sentimentos diversos e destrutivos, afetando as suas relações pessoais. Isto só reforça a ideia de que os pais precisam criar um ambiente de diálogo e confiança com seus filhos, de estar sempre atentos a vida escolar e ao que fazem na internet.

Para Costa e Soares (2012), a escola como próprio micromundo tem o dever de orientar seus educadores a identificar situações de agressão na escola antes que estas resultem em agressões virtuais, e planejar estratégias de diálogo para solucionar conflitos antes que haja prejuízos psicológicos a vítima.

Conforme relatam Fante e Pedra (2008), é necessário reconhecer a violência como um problema social, isto é, não apenas um problema do opressor e oprimido, mas um também um problema de toda uma sociedade, da qual deve estar informada de forma precisa e esclarecedora sobre o assunto. Portanto a escola desenvolve um papel essencial na sua diminuição, por meio de ações e

programas preventivos, dos quais necessitam estar sempre em união com as famílias dos alunos, garantindo assim sua eficiência.

Outro questionamento importante trazido por Fante e Pedra (2008, p. 106) é referente a capacitação que a escola deve promover para seus profissionais, bem como a observação, identificação, diagnóstico, intervenção e encaminhamentos corretos, levando o tema à discussão com toda a comunidade escolar e traçando estratégias preventivas que sejam capazes de fazer frente a esse fenômeno. Essa resposta da escola é solicitada pelos participantes do estudo.

Por fim, acredita-se que através de orientações aos pais e professores referente a prevenção da ação do *bullying* e *cyberbullying* praticado no ambiente escolar possa ser possível. A escola precisa cumprir o seu papel fundamental na redução da violência, por meio de ações, diálogo aberto e linguagem clara, adaptada ao público-alvo, e promovendo um espaço inclusivo e de respeito às diferenças (FANTE; PEDRA, 2008).

Conclusão

Os elementos encontrados nesta pesquisa evidenciam a presença do *bullying* e *cyberbullying* na vida desses adolescentes, sejam eles telespectadores, vítimas ou agressores. Diante as práticas de violência, a escola precisa dispor de uma postura ativa, de atitudes que não esperem por intervenções externas para enfrentá-las. Deve manter-se coerente, primando pela integridade física e psicológica dos estudantes.

O estudo contou com algumas limitações, como o curto tempo para execução da pesquisa de campo e as condições de distanciamento causados pela pandemia. Isso levou a um número reduzido de participantes. Ainda assim os resultados obtidos trouxeram elementos significativos, evidenciando a necessidade de práticas de prevenção da violência no ambiente escolar.

Das medidas citadas a serem tomadas, como as palestras com os alunos e pais/responsáveis, esclarecendo as dúvidas e os aspectos relacionados a este fenômeno, outra contribuição relevante seria de uma equipe multidisciplinar, com

profissionais qualificados a fim de que os alunos possam ter apoio e acompanhamento.

Desse modo, pretende-se desenvolver com os estudantes, famílias e comunidade em geral, uma postura ética, de paz e respeito diante dos demais. Para tanto, é imprescindível educar, favorecendo o conhecimento de seus direitos e deveres, desenvolvendo uma consciência crítica e reflexiva sobre as formas de violência e preconceitos existentes em nossa sociedade.

É preciso que a escola contribua para que as pessoas saibam conviver dentro e fora dela, com práticas cidadãs, em uma sociedade justa e democrática. Para isso, é fundamental enfatizar a importância da família, da escola e dos setores públicos, para a promoção de ações que objetivem proteger crianças e adolescentes de todo e qualquer tipo de violência.

Referências

ALBUQUERQUE, Ana Maria. ***Cyberbullying* e outros riscos na internet:** despertando a atenção de pais e professores. Editora Wak: Rio de Janeiro, 2011.

ANTUNES, Deborah Christina. **Bullying**: razão instrumental e preconceito. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010

ANTUNES, Deborah Christina. **Razão Instrumental e Preconceito:** reflexões sobre o bullying. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

APAV. **Crimes sexuais contra crianças e jovens:** explicação da Lei. Disponível em:<https://apav.pt/care/index.php/informacao-para-adult-s/crimes-sexuais-contra-criancas-e-jovens-explicacao-da-lei>. Acesso em 10 jan. 2022.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação:** Fundamentos, métodos e técnicas**.** Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, [2021]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 9 fev. 2022.

BRASIL. **Lei 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**.** Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 9 fev. 2022.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de novembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996 [2019]. Disponível em: < https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf>. Acesso em: 10 jan.2022.

BRASIL. **Lei n. 13.185, de 6 de novembro de 2015**. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Brasília, DF: Presidência da República, [2015]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm>. Acesso em: 9 fev. 2022.

COSTA, Ivna Maria Mello; SOARES, Saulo Cerqueira de Aguiar. **Cyberbullying:** a violência no ambiente virtual**.** Núcleo de Estudos e Pesquisas em Trabalho e Educação em Saúde- UFPI. Teresina: UFPI, 2012.

ECKERT, John Adam Presper. **Bullying**. Projeto Educar Gerdau, 2010. Disponível em: <https://www.slideshare.net/parceirosvoluntarios/apresentao-bullying>. Acesso em: 10 jan. 2022.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying:** Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2.ed. Campinas: Versus, 2005.

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

IFF/FIOCRUZ - **O papel das redes sociais durante a pandemia.** 2020. Disponível em: <http://www.iff.fiocruz.br/index.php/8-noticias/675-papel-redes-sociais#:~:text=Diante%20da%20quarentena%20pelo%20novo,com%20amigos%2C%20familiares%20e%20vizinhos>. Acesso em: 10 jan. 2022.

KOWALSKI, Robin; LIMBER, Susan. **Electronic *Bullying* Among Middle School Students.** Journal of Adolescent Health, Clemson/EUA, v. 41, p. 22-30, dec. 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

LIMA, Ana Maria de Albuquerque. **Cyberbullying e outros riscos na internet.** Despertando a atenção de pais e professores. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2011.

MAIDEL, Simone. **Cyberbullying:** um novo risco advindo das tecnologias digitais. Revista Eletrônica de Pesquisa e Docência, n.9, p. 113-119, 2009.

MALDONADO, Maria Tereza. **A face oculta:** uma história de bullying e cyberbullying. São Paulo: Saraiva, 2009.

MARTORELL, Gabriela; PAPALIA, Diane; FELDMAN, Ruth Duskin. **O mundo da criança:** da infância à adolescência. Porto Alegre: Artmed, 2020.

MENANDRO, Maria Cristina Smith. **Gente jovem reunida:** um estudo de representações sociais da adolescência/juventude a partir de textos jornalísticos (1968-1974 e 1996-2002). Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de Federal do Espírito Santo, Vitória, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social:** Teoria, método e criatividade**.** 30ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

PORFÍRIO, Francisco. **Cyberbullying.** Brasil Escola**.** Disponível em: < https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/cyberbullying.htm>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2022.

RIBEIRO, Thiago de Lima. **O direito aplicado ao cyberbullying**. Curitiba: Intersaberes, 2013.

SANTOS, Andréia dos Reis; PINHEIRO, Romulo. **O bullying como crime contra a dignidade da pessoa humana**. In: SEMINÁRIO DE IC DO ICESP/PROMOVE, 2., 2013, Brasília. Anais do Simpósio de TCC. Brasília, 2013.

SANTOS, Pablo de Paula Saul. **Dano moral:** um estudo sobre seus elementos. Âmbito Jurídico, v. 15, n. 101, jun. 2012.

SBP. Sociedade Brasileira de Pediatria. **Manual de orientação:** Grupo de Trabalho Saúde na Era Digital (2019-2021). Disponível em: <https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22246c-ManOrient_ MenosTelas__MaisSaude.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

SHARIFF, Shaheen. **Ciberbullying:** Questões e soluções para a escola, a sala de aula e a família. São Paulo: Artmed Editora, 2011.

SILVA, Bento Duarte da. **As tecnologias de informação ecomunicação nas reformas educativas em Portugal.** Revista Portuguesa de Educação. v. 14, n. 2, Braga: Universidade do Minho, 2001.

Apêndices

Apêndice 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Solicitação aos pais e/ou responsáveis do sujeito da pesquisa:

Neste termo você está sendo informado de que seu filho (a) está convidado(a) a participar da pesquisa "Os fenômenos *bullying e cyberbullying* no contexto escolar".

Esta pesquisa traz como objetivo a possibilidade de análise das expressões manifestadas no ambiente escolar referente ao *bullying* e o *cyberbullying.*

A pesquisa utilizada será através de entrevista individualizada e semiestruturada com os participantes, por meio de perguntas sobre diferentes assuntos, como mídias, lazer, interação entre colegas, escola, cor/raça e sobre *bullying* e o *cyberbullying.*

A conversa será de no máximo 50 minutos e será gravada pela pesquisadora.

Caso o entrevistado sinta vontade de desistir da entrevista a qualquer momento ele poderá fazê-lo sem quaisquer penalidades.

Os resultados da pesquisa servirão apenas para resultados de trabalhos acadêmicos mantendo o sigilo das informações sobre os entrevistados.

Não há qualquer ônus para a participação nessa pesquisa. A pesquisadora assume a responsabilidade por qualquer risco ou dano relacionado a pesquisa. Em caso de constrangimento, assume o compromisso de acolher, orientar e encaminhar para rede de apoio quando necessário.

Assim, devidamente informado, declaro que concordo que meu filho e/ou dependente participe voluntariamente da pesquisa "*Bullying e cyberbullying* no contexto escolar".
Eu,_____,
autorizo o(a)aluno(a)_____
a participar da pesquisa "Os fenômenos *bullying e cyberbullying* no contexto escolar".

_____ _____

Assinatura do pai/responsável Isadora Kolhrausch da Silva

Pesquisadora Responsável

Data: .....de ..... de 202__.

Apêndice 2

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
Solicitação ao sujeito da pesquisa:

Eu, _____ aluno desta escola, estou ciente e de acordo com a execução da pesquisa intitulada "Os fenômenos *bullying e cyberbullying* no contexto escolar", desenvolvida pela pesquisadora Isadora Kolhrausch da Silva.

Entendi qual a natureza e objetivo deste estudo do qual a escola participará. Recebi também a explicação que define a metodologia a ser aplicada, os públicos envolvidos, bem como as ferramentas utilizadas.

Compreendi que sou livre para interromper a qualquer instante a participação nesta pesquisa sem precisar justificar minha decisão e sem sofrer qualquer dano.

Não há qualquer ônus para a participação nessa pesquisa. A pesquisadora assume a responsabilidade por qualquer risco ou dano relacionado a pesquisa. Em caso de constrangimento, assume o compromisso de acolher, orientar e encaminhar para rede de apoio quando necessário.

Concordo voluntariamente em participar desta pesquisa.

_____ _____

Assinatura do aluno Isadora Kolhrausch da Silva

Pesquisadora Responsável

Data: .....de ..... de 202__.

Apêndice 3

Entrevista Individualizada Semiestruturada

- Idade; cor/raça; série escolar; com quem moram;
- Se possui celular próprio e/ou computador com acesso à internet; se este acesso é livre ou os pais monitoram o uso; qual o tempo que costumam navegar na internet; qual o meio de comunicação mais utilizado entres os colegas e amigos; se usa rede social e qual a sua favorita; se as postagens são frequentes e a quais assuntos elas são relacionadas; qual a frequência de postagem de foto pessoais e de família; quais os sites e atividades mais acessados;
- Se sofreram algum tipo de agressão, assédio ou intimidação; onde isso ocorre; qual foi a última vez; como se sentiu diante a situação; o que isso causa em você; como acha que poderia ser resolvido;
- Se conhecem o *bullying* e também o *cyberbullying*; se já havia praticado ou pratica algum dos dois e relatar essa situação; como se sentiu com essa atitude; o que acha que pode ter gerado para a pessoa que foi alvo dessa ação e quais as consequências dessa ação; houve alguma mudança depois das consequências estabelecidas; com que frequência isto ocorre dentro da escola; como lidam quando acontece sendo com você ou com um colega; existe alguma providência tomada pela escola; e o que pensa que a escola poderia fazer para minimizar a prática desses fenômenos.

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Caracterização da amostra 15
Tabela 2 - Uso da internet e redes sociais 19
Tabela 3 - Caracterização de vítimas de bullying e/ou cyberbullying 21
Tabela 4 - Concepção e prática de *bullying* e *cyberbullying* 23